

EDITORIAL

Os semioticistas – talvez menos do que deveriam e mais do que gostariam – se põem a pensar nos propósitos e limites da semiótica. Ao invés de resolver problemas concretos, de produzir soluções, cedem, não raramente, à tentação de criar dilemas, o que pode ser sempre bem-vindo em ciência, desde que se mantenha a lucidez e a visada crítica. Quando isso acontece, por força do hábito, terreno por excelência do narcisismo, surge a questão sobre o que é e o que não é semiótica ou, ainda, semiótico.

A semiótica é linguística, filosófica, lógica, antropológica, sociológica ou psicológica? Semio-, socio- ou psico-? Bio-, antropo-, etno-? Pró-, anti-, para-? O que é certo é que semiótica não pode ser tudo, mas também não pode ser qualquer coisa, se seus objetos são a linguagem, o signo, o texto e o discurso, esses conjuntos significantes heteróclitos por natureza, cuja produção não cessa, sem controle da vontade.

Os quatro trabalhos que abrem este número falam muito sobre a diversidade de pontos de vista teóricos e de objetos de análise que procuramos defender: quatro artigos, quatro teorias da significação e quatro objetos de análise distintos.

No artigo de Vinicius Romanini, “A contribuição de Peirce para a teoria da comunicação”, busca-se revisitar um tema recorrente e, ao mesmo tempo, atual na historiografia da obra peirceana, a saber, quais seriam, no pensamento de Charles Sanders Peirce, as relações implícitas e explícitas com aquilo que chamamos em nossa época de teoria da comunicação. Para Romanini, ser uma teoria da comunicação é justamente a vocação da semiótica de Peirce, na qual, por meio de um “realismo semiótico baseado numa teoria social do conhecimento,

a estética fundamenta a ética, e estas fornecem a base para a lógica”.

Em “Enunciado no enunciado, enunciado sobre o enunciado: o Círculo de Bakhtin por C. Brandist”, Renata Coelho Marchezan apresenta e analisa as ideias de Craig Brandist sobre o Círculo, segundo uma perspectiva histórico-filosófica que busca ler a obra de M. Bakhtin no âmbito do pensamento soviético. As concepções desse pesquisador inglês nos permitem problematizar a questão da autoria em Bakhtin, Medviédev e Volochínov e, sobretudo, questionar o papel de líder ou mentor intelectual de Bakhtin em relação a seus contemporâneos. Essa linha de raciocínio confere muitas sutilezas à leitura das obras do Círculo, sutilezas estas que restam frequentemente apagadas ou neutralizadas. Prova disso seria, por exemplo, o fato de que a preocupação com uma teoria geral da linguagem de caráter social é, desde cedo, tema dos trabalhos de Medviédev e Volochínov, mas não propriamente do primeiro Bakhtin.

O trabalho “Compaixão e piedade: diferentes modos de interação afetiva”, de Eliane Soares de Lima, consiste em uma aplicação e, em certa medida, uma proposição teórica sobre o estudo das paixões. O artigo parte de um inventário lexical sobre “compaixão” e “piedade”, que desemboca em uma análise detalhada dos aspectos passionais e tensivos dessas “paixões de dicionário”. A análise proposta recorre à semiótica das paixões e à semiótica tensiva, estabelecendo cinco parâmetros de avaliação da “forma” das paixões, segundo diferentes modos de presença, de convocação, de existência, de junção e de interação. É essa metodologia que permite a Lima concluir que “compaixão” e “piedade” se articulam em um mesmo eixo entre dois polos: um mais sensível, da ordem do “sentir **com**”, outro mais inteligível, próprio ao “sentir **por**”.

Já o artigo “Brasília: a São Petersburgo brasileira?”, de Ekaterina Vólkova Américo e de Edelcio Américo, seguindo a perspectiva da Escola Semiótica de Tártu-Moscou, serve-se do conceito de “texto da cidade”, inspirado nos trabalhos de Toporov e Lotman, para pensar a cidade como texto a ser lido e a ser citado em outros textos, especialmente literários. A complexidade da cidade é criada e vivida nas tensões entre “céu” e “terra”, entre centro e margem, entre artificial e superficial, entre ocultação e de visibilidade. Brasília, comparada à alucinada São Petersburgo de Dostoiévski, é analisada como texto citado em João Almino e em Clarice Lispector, sobretudo nesta última, que via na capital federal uma prisão em liberdade.

Na sequência, este número apresenta artigos que se dedicam à análise dos mais diversos aspectos da comunicação social, igualmente, em diferentes abordagens.

Em “Os bens de consumo nos reclames do período da *Belle Époque* em Pelotas, no extremo sul do Brasil, divulgados pela revista *Ilustração Pelotense*”, de Fabiane Villela Marro ni e de Ana Claudia de Oliveira, é a publicidade o objeto de análise escolhido, objeto que nos mostra um modo de sociabilidade atravessado de oscilações históricas entre o antigo e o moderno, o permanente e o transitório e o nacional e o estrangeiro. Das joias às vestimentas, dos carros aos prédios, dos móveis às máquinas, a figuratividade *Belle Époque* configura identidades e revela a busca pela vida moderna e mundana da França e da Inglaterra dos anos 1920.

Entre comunicação de massa e a cultura literária, a prosa de Philip K. Dick conquistou leitores ao redor do mundo. Seu romance mais conhecido, *Os androides sonham com ovelhas elétricas?* (1968), adaptado para o cinema como *Blade Runner*, é analisado por Edison Gomes e por Elizabeth Harkot-de-la-Taille no trabalho “Vestígios do corpo em um romance de

ficção científica”. Gomes e Harkot-de-la-Taille nos apresentam um instigante percurso histórico-conceitual sobre o corpo em semiótica, que culmina na escolha das reflexões de J. Fontanille sobre o corpo, a percepção, a sensibilidade e seus vestígios, que constroem ou perturbam o equilíbrio entre o *Moi* e o *Soi* e entre o eu-carne e seus “envelopes”, nos mais variados papéis actanciais. São especialmente as hesitações e contradições dos atores da narrativa, em compasso ou descompasso com seu corpo-actante, que são analisadas nesse trabalho.

No artigo “A transmidialidade como estratégia discursiva”, de Silvia Maria de Sousa, não é o corpo, mas as práticas e as estratégias adotadas pelo enunciador na produção e na circulação dos textos que assumem distintos papéis actanciais, segundo o suporte em que se inscrevem: TV, computadores ou celulares. A transmidialidade, conceito oriundo dos estudos de comunicação, atua na relação entre a ficção televisiva e suas extensões (séries, jogos, blogues, aplicativos), construindo diferentes formas de presença do enunciador, sob o controle de uma forma de vida fragmentada e intensa, típica, segundo Sousa, das formas de vidas contemporâneas.

Por fim, ainda no âmbito de análise das mídias, mas elegendo um objeto pouco explorado pela semiótica, o artigo “A experiência da interação e o design de interfaces: semiótica e metacomunicação nos *Digital Audio Workstations*” de Ana Maria Pereira Cardoso e de Rodrigo Fonseca e Rodrigues, propõe um estudo semiótico peirceano dos modos como o design de interfaces influi na interação homem-máquina, na medida em que simula, condiciona e potencializa experiências sensoriais e linguageiras. Nos últimos anos, os *Digital Audio Workstations* (DAWs), tais como o *Sonar*, da CakeWalk, e o *GarageBand*, da Apple, analisados pelos autores, vêm ganhando usuários entre compositores, instrumentistas, *desig-*

ners sonoros, DJs e músicos amadores. Para Cardoso e Rodrigues, esses usuários ignoram, muitas vezes, o quanto os DAWs preveem seus comportamentos ou afetam sua performance, especialmente estimulando sua imaginação musical por meio de simulações de instrumentos musicais e operações que tornam sua manipulação cada vez mais intuitiva, mas que também criam padrões regulares de uso.

Americana, europeia ou eslava, semiótica *stricto* ou *lato sensu*, teórica ou aplicada, passadista ou futurista, analógica ou digital, na Casa da Semiose há muitas moradas, como demonstram os artigos que compõem este n. 1 do vol. 14 dos *Cadernos de Semiótica Aplicada*.

Jean Cristtus Portela

Araraquara, julho de 2016